

ICONOGRAFIA RELIGIOSA DAS IGREJAS HISTÓRICAS DO RIO DE JANEIRO

Aluno: João Carlos Rodrigues
Orientador: Alberto Cipiniuk

I – Introdução

Durante longos anos a ministrar aulas de história da arte no Brasil, meu orientador, Prof. Dr. Alberto Cipiniuk, contemplou uma lacuna na literatura artística utilizada nesta área. Não havia nenhum manual de uso corrente sobre a iconografia religiosa das igrejas históricas da cidade do Rio de Janeiro. É notório que na historiografia da arte brasileira existem também estudos isolados sobre a talha e a torêutica, mas procuram estabelecer uma tipologia básica para classificação cronológica ou enveredam-se na busca da autoria, não se atêm à questão da significação. O presente projeto se refere exatamente à questão da significação.

II – Objetivo

Identificação, registro, análise e interpretação da iconografia manifesta nas alfaias, paramentos, talhas, pinturas e esculturas existentes nas igrejas históricas da cidade do Rio de Janeiro.

III – Metodologia

Não procuramos autoria ou datação das formas, tampouco nossa intenção não é semiológica e também prioritariamente estética, mas procuramos compreender as relações, muitas vezes problemáticas, que se produzem entre as formas (seus aspectos visuais) e a vida social que se estabelece no seu entorno e lhes acompanham. O presente projeto trata da vida social que cria as formas e as modifica progressivamente, que as trasladam de um suporte para outro, mudam seus significados e também eternizam outros. Este trabalho busca três significações básicas para as formas: a **litúrgica**, a **histórica** e a **popular**.

Sem o intuito de adentrar em questões teóricas acerca da natureza da arte, pode-se dizer que no Brasil colonial não houve uma arte liberta de um fim utilitário. Da arte colonial, tudo aquilo que se perpetuou, foi uma arte com finalidade religiosa, portanto não seria equívoco afirmar que a maior parte dos exemplos de arte colonial foi utilitária e tendente ao sagrado.

A significação **litúrgica** se refere ao fato da imagem ser “aparecida” ou não, isto é, caso se acredite que uma imagem não fora manufaturada pela mão humana, como N. S. da Assunção de Cabo Frio, por exemplo. A **histórica** se refere às significações que vieram sendo criadas cronologicamente a partir da acepção primeira atribuída à imagem, como por exemplo o caso de N. S. do Bom Sucesso (Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro), que no decorrer do século XVIII perdeu o complemento “dos Agonizantes”, a auxiliadora dos últimos momentos, e passou a representar esperançosamente uma feliz ocasião. O aspecto **popular** tratará das significações dadas pelos devotos, conforme os ritos utilizados, as necessidades do momento, que geraram inclusive significados para outras religiões, como por exemplo o caso de sincretismo de São Jorge.

A minha incumbência se referiu, objetivamente, à identificação e registro da iconografia religiosa. Para tal, utilizei-me de uma câmera fotográfica digital e realizei visitas em igrejas previamente catalogadas. Nestas ocasiões, foram realizadas fotografias e estas foram registradas em disquete. Em seguida, essas imagens eram depositadas em um computador que era utilizado para o registro e subseqüentes análises.

IV – Conclusão

Contemplei grande contribuição do mesmo para a minha formação na medida em que se fez mister uma apreciação crítica e habilidosa – atributos sumamente necessários ao desenhista industrial. Haja vista que se deveria reconhecer, em meio a uma miríade de elementos presentes na igreja, os objetos de relevância para a pesquisa. Esse reconhecimento, obviamente, só era possível graças a referências e parâmetros por mim interiorizados. Ademais, também verifiquei um grande avanço em minha competência fotográfica, em razão da preocupação acentuada com os detalhes, o enquadramento, a simetria, a nitidez e muitos outros condicionantes para uma imagem adequada.